

As reações ao cinema: o impacto do cinema no cotidiano

Veruschka de Sales Azevedo¹

O caráter de descontinuidade, lançado pelas vistas em movimento, confere ao cinema o símbolo de leitura dos novos tempos, marcado pelo ritmo do relógio e pelas constantes mudanças na estrutura urbana das cidades. O viver em sociedade, a partir de fins do século XIX, foi transformado bruscamente. O processo de modernização empreendido nas cidades do café, aliado à chegada dos imigrantes e das ferrovias, fez com que o viver citadino começasse cada vez mais a ser um viver entre estranhos. Nesse momento, o choque começa a ser rotina para esta sociedade à medida em que entra em contato com novas tecnologias, como as *vistas* do cinema, a fala à distância pelo telefone, o risco de ser atropelado pelos carros, o que se começava a experimentar naquelas não sinalizadas ruas daquele início de século, fascinando e aterrorizando a vida dos pedestres.

Neste sentido, a modernidade vivenciada nas terras do café não foge aos impulsos dos grandes centros. Ela também foi concebida como um bombardeio de estímulos. Simmel já havia escrito que a modernidade envolvia uma estimulação das atividades nervosas *"que resultaria da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores"*². Neste texto o cinema foi compreendido como um desses estímulos.

Essa leitura é significativa para entendermos o debate ocorrido no início do século XX em algumas cidades brasileiras que, ao sentirem as transformações profundas pelas quais passavam as atividades culturais, devido à chegada do cinema, recrutaram jornalistas e a elite letrada para manifestarem-se a respeito:

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista UNESP- FRANCA.

² SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In. *O fenômeno Urbano* (Org.) Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1979.p. 12.

"...a base paisagística alterava-se e com ela, prática sociais costumes e valores, que seriam representados, literariamente por aqueles que vivenciaram a seqüência de mudanças. Como espectadores privilegiados da urbe, dotados de uma "sensibilidade fina" para captar as sensibilidades do momento, os artificies da vida literária da época traduziriam em sua narrativa, as múltiplas facetas da reforma urbana..."³

Affonso de Carvalho, jornalista e cronista da cidade de Franca, atribui ao cinema a decadência das formas artísticas tradicionais e apesar de ser um adepto do progresso, pois em suas crônicas ele deixa nítida essa impressão, ele, a princípio, condena a propagação do cinema na sociedade. Em seu livro escrito em 1912, falando da história e dos costumes da cidade de Franca, por várias vezes condena o crescimento do cinema. Esse estranhamento corresponde ao valor heróico de viver a modernidade e, para um ser humano criado nos valores da palavra e da razão era difícil encontrar sentido à transformações que ocorriam no seu cotidiano.⁴

Talvez o literato, apesar de toda a sua apologia àquele desenvolvimento "frenético" e "bárbaro", não conseguisse perceber que o poder, sobretudo o poder que atua numa sociedade de desenraizados, não se coaduna com a simplicidade. A grandeza, a ostentação, o luxo, o fausto caracterizam-no. E essa tentativa de revisitar práticas culturais que não se caracterizam nessa dinâmica social é uma atitude impossível, na medida em

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano*. Paris. Rio de Janeiro. Porto Alegre: Editora UFRG, 1999.p.177.

⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo. Brasiliense, 1985.p.245.

que os referenciais culturais herdados só podem ser visitados por meio de uma reinvenção que leve em consideração todo o desenvolvimento tecnológico.⁵

Para além do encantamento, está também colocada a questão do estranhamento. As palavras do cronista revelam o posicionamento social, ou seja, ele pertence à elite letrada da cidade que divulga constantemente sua visão de sociedade, por meio do jornal Tribuna da Franca. Seu posicionamento, contrário à expansão ou, como ele mesmo diz, "invasão do cinema", deve-se à decadência dos saraus e das reuniões familiares, dos quais estes homens faziam parte como figuras ilustres, decadência que estava se operando, quando este fazia críticas ao cinema. Talvez, por meio da crítica, ele conseguisse expressar toda a sua indignação frente àquela situação ameaçadora.

Utilizando o cronista como fonte histórica, o discurso do mesmo revela o ritmo de desenvolvimento pelo qual a cidade passava e a forma como os homens daquele período lidaram com a tecnologia naquele primeiro momento de expansão.

As impressões sobre o cinema estavam sendo discutidas em cada recanto do Brasil. Em Porto Alegre, a disputa teatro x cinema parece ter agitado a reflexão daqueles espectadores do urbano. O cronista Vivaldo Coaracy retoma o tema no jornal "O Diário", em 1911, e diz que "*O cinema é uma fatalidade da vida moderna e se transforma numa necessidade pública. É mais do que uma doença, uma neurose, é uma função social, quase uma função fisiológica*".⁶

Entendemos que uma das maiores inovações do período ocorreu por conta de uma nova percepção visual, devido à imersão no mundo da imagem. Os cartazes e os anúncios nos jornais indicam que, além dessa mudança visual, estamos começando a entrar no mundo da indústria cultural, ou seja, a economia cafeeira trouxe, além do desenvolvimento

⁵ AZEVEDO, Veruschka de Sales. *Franca em Cena: imagens de desejo e estranhamento no teatro urbano de fin-de-siècle*. Anais- Ciclo de Estudos sobre a História da Cidade. Franca, v.1,n1,p.7-18.1999.

⁶ PESAVENTO, Sandra Jathay. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano*. Paris. Rio de Janeiro. Porto Alegre. Editora UFRG, 1999. p.346. " (...) é basicamente esse efeito de presença que ultrapassa a materialidade e a funcionalidade da forma, que faz apelo ao imaginário- ou a relação do homem com o mundo que cabe resgatar..."p.175.

comercial e da chegada dos imigrantes, a difusão de um intenso comércio cultural que transformou os costumes de toda a sociedade das "cidades do café" e, conseqüentemente, de Franca.

Partindo da análise desse processo, verificamos que a modernização na cidade de São Paulo, no início do século XX, foi acompanhada de um desenvolvimento intenso dos esportes, da dança, do cinema, enfim, das diversões urbanas. Tal aceleração estava indicando um outro tipo de comportamento do cidadão que, imerso neste universo cultural que despontava, absorvia, às vezes a contrapelo, os feitos tecnológicos.

“...as modernas formas de comunicação de massas, a fotografia, o cinema e os cartazes reiteravam essa ênfase tecnológica sobre a ação e a velocidade, ressaltando ademais o papel privilegiado concedido nessa nova ordem cultural à imagem, à luz e à visualidade. É sabido o quanto essas três formas de comunicação incidem, mobilizam e demandam relações com as camadas mais profundas do subconsciente e como possuem o poder de causar impressões de grande magnitude em função do uso de prodigiosos efeitos de luz e do chamado realismo mecânico, a mágica verossimilhança obtida pelas técnicas fotográficas.”⁷

Já considerado o maior símbolo de distração de que dispunham as cidades do interior, o jornal "Comércio da Franca" também sai em defesa do cinema, chamando a atenção para uma falsa visão do cinema difundida na sociedade francana, visão essa, segundo o jornal, carregada de preconceitos e moralismo, que estava espantando o público.

⁷ SEVCENKO, Nicolau . *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo. Cia das Letras, 1992.p.164.

Na tentativa de reverter essa situação, o jornal publica uma indignada nota contra o que estava se passando. O título da nota estava em destaque: O Cinematografho :

Nas cidades do interior do Estado é o cinematografho a única distracção existente.

*Temos nesta cidade um montado com todo o luxo e requisitos hygienicos, exhbindo diariamente boas fitas, no entanto a sua freqüência tem diminuido consideravelmente de algum tempo para cá.*⁸

Possivelmente o cinema ao qual o jornal refere-se é o cine Santa Maria, que foi instalado atendendo aos preceitos da higiene e beleza, sendo inaceitável, na visão desse jornalista, essa situação de casa vazia:

"Qual será a causa dessa bandada ? A causa é a guerra injustificavel que algumas pessoas lhe vem movendo.

Dizem do cinematografho cobras e lagartos. Que alli é que as moças vão aprender cousas que deviam ignorar, etc, etc...

Tais acusações são injustas.

O cinematografho é, não uma escola de vícios e immoralidades, mas uma verdadeira escola educativa e instrutiva.

Não confundamos educação com instrucção. Se elle nos apresenta o vício com todas as suas negras cores, apresenta-nos também o corretivo. Se nos mostra a Magdalena no esplendor da sua vida de sensualidades, logo adiante nos faz ver a pecadora, arrependida, chorando suas faltas aos pés não de Jesus, mas aos

⁸ Cf. O Comércio da Franca, 12 de abril de 1916. Anno I nº 41. Fonte: Arquivo Histórico Municipal "Capitão Hipólito Pinheiro". Franca.

pés da sociedade implacável que lhe cospe no rosto o seu despreso, todo o seu escarno.

Que maior castigo que essa cruel humilhação! Ella é o isolamento no meio de uma turba que se agita, é o remorso que lhe aferroa a alma enlameada.

Se nos faz ver um bandido lavando em sangue humano o ouro roubado, mais adiante o vamos encontrar no cubiculo de uma penitenciaria, justando contas com a justiça terrestre."

O cronista aponta para o duplo papel exercido pelas vistas de cinema, considerando que muitas vezes o cinema pudesse mostrar o que havia de pior nos vícios humano, o cronista defende que esta posição se justifica na medida em que o cinema mais adiante mostraria a punição de tais vícios. Pois segundo ele o cinema era *uma verdadeira escola educativa e instrutiva*.

Antônio Torres, escrevendo nas Pasquinadas Cariocas em 1921, analisa a inevitável presença do cinema no viver cotidiano e a impotência dos homens em conter o fenômeno cinematográfico, que avança de maneira assombrosa devido ao *boom* hollywoodiano, o tom moralista de seu depoimento marca a inquietante presença do cinema no cotidiano cultural :

As desordens que taes espectáculos determinam no systema nervoso, e, por via delle, no psychismo dessas victimas (que outro nome não merecem), são incalculáveis; e as suas conseqüências moraes são faceis de prever para quem costuma visionar taes contingencias, um pouco d'alto. Ora, que me conste ainda nenhum povo forte se formou, levando os paes a seus filhos e filhas a certas casas onde se lhes ensine, por

meio de quadros animados o melhor processo de que dispõe um homem para arrombar cofres fortes, e a maneira mais agradável que tem uma rapariga para se pendurar aos beijos dos amantes.

De maneira que, numa cidade como o Rio de Janeiro (e o que se diz desta cidade se estenda-se a respeito de todas as demais cidades do Brasil), numa cidade como o Rio de Janeiro, onde o único divertimento é o cinema (...), o problema da moral cinematográfica me parece fora de qualquer solução que não seja a supressão completa dos cinemas- o que é impossível. Pelo que, o melhor que podemos fazer ainda é cruzar os braços e ir acompanhando, phase a phase , como curiosos, como sociólogos , ou como adeptos de tal esporte, o instructivo phenômeno da putrefacção geral.⁹

As reações, ao cinema, foram as mais variadas, desde o encantamento e o reconhecimento de que o cinema era expressão de progresso e veículo de educação, passando pelo embate com as formas de apresentação teatral, percebido como interessante meio de comércio, até às reações mais negativas de que o cinema representaria o fim das famílias e dos bons costumes. Notou-se percepções bem sensíveis do urbano, como a do cronista Affonso de Carvalho que, sem adjetivos para explicar a chegada do cinema, retratava-o como o ladrão dos costumes tradicionais da sociedade francana. Franca não só recebeu a arte cinematográfica via Lumieres, Pathé Frères ou Edison, mas também produziu "vistas" animadas. A Empresa Francana de Cinema, propriedade de José Pires, ficou conhecida em todo o triângulo mineiro e

⁹ XAVIER, Ismael. Op; Cit.p. 117/8.

também em cidades como Campinas e São Paulo. Produzia "vistas" animadas e, pelo que consta, movimentou cifras significativas e ainda obteve prêmios na Exposição Nacional de 1908.

Os escritos deixados pelos cronistas revelam as tensões entre continuidade e descontinuidade na vivência do espaço e do tempo. Esses depoimentos são bastante significativos porque evidenciam como os homens do período se compreendiam, como se constituíam a si mesmos, a sua alteridade e a sua própria história.